

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO**

**LUANA PASSOS BENTES**

**O SOFRIMENTO FEMININO COMO ARQUÉTIPO NARRATIVO EM “MEDEIA”**

**MANAUS – AM  
2024**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO**

LUANA PASSOS BENTES

**O SOFRIMENTO FEMININO COMO ARQUÉTIPO NARRATIVO EM “MEDEIA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina de Pesquisa de Linguagem II, do curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como exigência para obtenção do título de Bacharela em Teatro.  
Orientador: Prof. Dr. Taciano Araripe Soares

MANAUS – AM  
2024



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001



## ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezoito horas, na Sala 506 (5º andar), reuniu-se a Banca de DEFESA do Artigo de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teatro, do(a) acadêmico(a) **LUANA PASSOS BENTES**, sob o título *O SOFRIMENTO FEMININO COMO ARQUÉTIPO NARRATIVO EM "MEDEIA"*. A comissão foi constituída, pelos professores (as) Taciano Araripe Soares (Orientador/UEA), Annie Martins Afonso(UEA) e Madirson Francisco Souza (UEA). Após arguir o(a) candidato(a), A banca deliberou a aprovação do trabalho mediante as observações em anexo.

*Taciano Araripe Soares*

Prof. Dr. Taciano Araripe Soares  
(Orientador)

*Annie Martins Afonso*

Prof.ª. Dra. Annie Martins Afonso  
(Membro Titular)

*Madirson Francisco Souza*

Prof. Me. Madirson Francisco Souza  
(Membro Titular)

## O SOFRIMENTO FEMININO COMO ARQUÉTIPO NARRATIVO EM “MEDEIA”

Luana Passos Bentes<sup>1</sup>  
Taciano Araripe Soares<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a construção arquetípica da personagem Medeia na dramaturgia clássica de Eurípedes, visando investigar o uso do sofrimento feminino e a forma como ele se relaciona com a escrita da personagem. A partir disso, faço o uso de arquétipos míticos para exemplificar as decisões criativas do autor, bem como algumas teorias de Simone de Beauvoir (1967), Pierre Bourdieu (2024) e Carl Jung (2016), escolhidas para elucidar a relação entre os mitos arquetípicos e a construção social da subordinação da mulher. A pesquisa bibliográfica será utilizada como metodologia, a fim de relacionar os autores citados com o estudo do texto teatral.

**Palavras-chave:** Medeia; arquétipo, sofrimento feminino; dramaturgia.

### Abstract

This article aims to analyze the archetypal construction of the character Medea in Euripides' classical dramaturgy, aiming to investigate the use of female suffering and the way it relates to the character's writing. From this, I use mythical archetypes to exemplify the author's creative decisions, as well as some theories by Simone de Beauvoir (1967), Pierre Bourdieu (2024) and Carl Jung (2016), chosen to elucidate the relationship between myths archetypes and the social construction of women's subordination. Bibliographical research will be used as a methodology, in order to relate the cited authors with the study of the theatrical text.

**Keywords:** Medea; archetype, feminine suffering; dramaturgy.

---

<sup>1</sup> Finalista do Curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

E-mail: lpb.tea21@uea.edu.br

<sup>2</sup> Orientador. Docente do Curso de Teatro da UEA. Doutor em Artes Cênicas (UFBA)

E-mail: tasoares@uea.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Minha paixão por arte sempre me levou a lugares novos. Música, dança, artesanato. Eu gostava de contar histórias, e utilizava de todas as ferramentas criativas ao meu alcance para dar vida a obras fantasiosas e divertidas. Quando comecei a perceber o mundo ao meu redor de forma mais consciente, por volta da adolescência, voltei meus esforços para a composição de obras com teor social. Eu achava incrível como alguns filmes, canções e pinturas conseguiam despertar em mim os mais diversos sentimentos e a vontade de fazer arte. Eu gostaria de criar algo que tocasse as pessoas e causasse reflexão. Nessa época compus minhas primeiras músicas, levei os desenhos mais a sério e aos poucos segui trilhando minha identidade artística. Eu experimentava de tudo, e me via fascinada ao observar as diferenças e especificidades de cada forma de expressão. Um hobby levava a outro, e assim foi até meus 15 anos de idade, quando eu descobri o teatro.

Eu nunca havia tido contato com ele. Meus conceitos de atuação eram todos provenientes do audiovisual, e naquele novo ambiente, um leque de referências se abriu para mim. Assisti peças, apresentei alguns esquetes e acumulei experiências incríveis. Comecei a enxergar o teatro não somente como uma forma de contar histórias, mas como uma profissão. Mais tarde, aos 18 anos, iniciei uma graduação em teatro. No ambiente acadêmico, pude observar algumas coisas. A partir de minhas experiências pessoais, pude notar o quão planificadas<sup>3</sup> eram as figuras femininas criadas em experimentações cênicas dentro da sala de ensaio e em espetáculos externos. Eu já possuía alguma consciência acerca de estereótipos por conta do audiovisual, mas presenciar a criação de um foi algo que me impulsionou a continuar questionando.

Percebi um modelo de criação feminina que não me agradava. A sensação que eu tinha era de que as mulheres eram escritas para serem adereços: figuras com possibilidades reduzidas, sem tanta complexidade. Na maioria das vezes, seus traços de personalidade se reduziam a elementos arquetípicos de uma concepção geral que se tem sobre mulheres: elas podem ser **mães** com a coragem de proteger/a displicência no cuidar; **amantes** que trarão alguma transformação ao verdadeiro protagonista da história: um homem; ou uma **criança**, podendo ser qualquer figura

---

<sup>3</sup> Sem substância, esvaídas de complexidade

angelical e benevolente que traga doçura e a necessidade de ser protegida. Esse uso de estereótipos pré-estabelecidos me chamou a atenção.

Através de pesquisas pessoais, observei um elemento que se fazia presente em diversas personagens femininas: a dor. O sofrimento feminino vem sendo utilizado como um recurso narrativo recorrente, tanto em dramaturgias clássicas quanto contemporâneas. Medeia, de Eurípedes (431 a.C.), é um exemplo de dramaturgia clássica que utiliza a dor feminina como norteadora da narrativa. A exploração da dor atrelada a personagens femininas é algo que me intriga profundamente, principalmente por me instigar a refletir sobre a complexidade do papel de mulheres na arte.

As narrativas que eu assistia na televisão quando era criança, deram lugar a uma insatisfação intrínseca que permeia todas as minhas opiniões. Por que a mulher é representada dessa forma? Por que a história dela se resume a um aspecto? Existe alguma narrativa feminina em que a construção da mulher não se resuma a estereótipos básicos como mãe/amante/criança? Ao escrever isso, estou levando em conta minhas experiências com filmes ruins na Sessão da Tarde<sup>4</sup> de alguns anos atrás, mas que mais tarde suscitaram uma pequena teoria que já rondava minha pequena cabeça questionadora: ser mulher é ser um arquétipo?

Carl Jung (2016) traz o conceito de arquétipo como uma estrutura universal que está presente no inconsciente coletivo, independente da cultura ou país. Essas estruturas influenciariam o pensamento, comportamento e a forma que determinados conceitos se apresentam para a sociedade (com formatos, imagens e substância), sendo o resultado de um conjunto de vivências que a humanidade acumulou e que agora se revela como um padrão de algo, um elemento que se repete. Alguns arquétipos catalogados por Jung são o Herói, o Amante e o Governante. Cada um traz características de comportamento próprias que designam algumas possibilidades de existência em narrativas, mitos e causos.

Apesar da existência de movimentos que buscam emancipar a figura feminina dos paradigmas masculinos, ainda há uma relação muito forte entre os arquétipos e a visão patriarcal. O olhar masculino acaba mediando o olhar feminino, que por sua vez, tende a replicar um molde que lhe foi ensinado por homens. Jung (2016) discorre sobre o processo de individuação necessário para a execução plena da

---

<sup>4</sup> Sessão de filmes exibida pela TV Globo.

personalidade, abordando o fenômeno citado, da projeção masculina sobre o feminino:

A menina corresponde à ânima do homem: através dela são alcançados os objetivos naturais, em que a ilusão desempenha o maior papel que se possa imaginar. Enquanto, porém, uma mulher se contenta de ser uma femme à homme, ela não tem individualidade feminina. É oca e apenas cintila como um receptáculo adequado para a projeção masculina. (JUNG, p. 284)

Enquanto a “menina” citada faz referência à projeção do homem sobre a figura feminina, temos a mulher “real”, que precisa de desvencilhar das figuras provenientes do inconsciente masculino, como forma de amadurecimento. Enquanto isso não ocorrer, não há possibilidade de crescimento autônomo, e os arquétipos continuarão viesados pela tutela masculina e performados socialmente.

A partir disso, temos o arquétipo feminino presente no inconsciente coletivo masculino. As vivências de mulheres negras, transexuais e periféricas acabam sendo apagadas por conta da planificação do conceito que inevitavelmente atinge a mente masculina, porém, o conceito de como se constitui o feminino se transforma de acordo com a época. Durante a Idade Média, por exemplo, a figura da mulher era dividida sob a visão maniqueísta da igreja: uma mulher ideal seria casta e obediente, enquanto uma mulher pecadora seria devassa e desviada dos dogmas da igreja; um retrato dos arquétipos de Lilith e Eva, que irei falar mais adiante.

Com o advento dos movimentos feministas, o conceito de “mulher” se alterou para o oposto da figura omissa e sob o controle masculino que era visto na antiguidade. Agora associado à força e independência, essa transformação reverberou no conteúdo de obras dramáticas, que então passaram a representar mulheres cada vez mais parecidas com a realidade. As características se modificaram, mas um elemento permaneceu latente: o sofrimento feminino.

“Medeia”, tragédia grega escrita por Eurípedes em 431 a.C., conta a história de uma mulher traída por seu marido que, em um ato de extrema vingança, acaba por matar seus filhos e a noiva de seu ex-companheiro como forma de atingi-lo emocionalmente e proteger sua honra. Medeia foi escrita por um homem em um passado remoto, em um contexto social pouco favorável às mulheres; elas não eram consideradas cidadãs e acabavam sendo assim desprovidas de direitos e se reservando ao trabalho doméstico e maternal. A personagem sofre de uma tremenda angústia do início ao fim, até tomar uma decisão execrável como um meio de contornar toda a situação ruim que passou. Escrever uma personagem que se

rebelava contra a convenção social da época era inesperado, instigando assim a questão: seria Medeia uma mulher ruim, ou seu intenso sofrimento justificava seus atos?

A personagem foi escrita por Eurípedes: um homem grego, ocidental e com forte influência na política. Ao escrever Medeia como uma mulher sanguinária, violenta e execrável, o autor nos dá uma pista sobre o contexto social vivido na Grécia naquele momento: a aversão aos estrangeiros. Esvaidos de direitos e não considerados cidadãos, a repulsa pela presença de pessoas fora da Grécia é refletida na figura de Medeia, que é duplamente rechaçada por sua posição de mulher e estrangeira. Assim, seu sofrimento também carrega um posicionamento político do autor.

Medeia é um mito, e como mito, influencia inconscientemente os valores morais e comportamento arquetípico da sociedade contemporânea. Com isso em mente, este artigo trará algumas reflexões acerca da tragédia de Eurípedes. Analisarei a forma que Medeia foi escrita, os arquétipos observados e como isso funciona na dramaturgia, levando em conta o contexto social e histórico em que foi criada. Como a dor se entrelaça com a personalidade e história dessa personagem? Por qual motivo o sofrimento é um elemento tão utilizado na construção da trajetória de Medeia?

## **2 O OUTRO SUJEITO**

Medeia é uma personagem escrita para ser trágica. Desde sua primeira aparição na obra, sua fala demonstra um intenso sofrimento em relação ao fim de seu matrimônio: “Como sou infeliz! Que sofrimento o meu, desventurada! Ai de mim! Por que não morro?” (Eurípedes, 2013, p. 206). O fim de seu casamento com Jasão provoca os mais diversos sentimentos negativos em Medeia: ela enxerga a si mesma como uma infeliz, incapaz de seguir com uma vida onde não teria seu antigo marido ao lado. Ela deseja sua morte como salvação de todo o sofrimento que está sentindo, e deseja também a morte de seus filhos, frutos diretos do homem que agora lhe causa dor.

O coro presente, testemunhando o sofrimento de Medeia, implora por sua resignação, já que a morte chegaria para todos de qualquer forma. Ao invés disso, afirma que seu destino está sendo guardado por Zeus, então que não deve chorar tanto por um marido. Medeia clama aos deuses para que vejam o sofrimento que seus

laços matrimoniais lhe causaram, e roga por justiça. Deseja a morte de seu antigo parceiro e de sua noiva:

Zeus poderoso e venerável Têmis, vedes o sofrimento meu após os santos juramentos que me haviam ligado a esse esposo desprezível? Ah! Se eu pudesse um dia vê-los, ele e a noiva reduzidos a pedaços, junto com seu palácio, pela injúria que ousam fazer-me sem provocação! Meu pai, minha cidade de onde vim para viver tão longe, após haver matado iniquamente meu irmão!<sup>5</sup> (EURÍPEDES, 2013, p. 209)

Um dos sacrifícios que Medeia se dispôs a fazer pelo marido foi o assassinato do próprio irmão, em prol de uma fuga segura e a promessa de uma nova vida com Jasão em Corinto<sup>6</sup>. Medeia abdica de sua antiga vida para fugir com ele e deixa Cólquida, sua terra natal, como traidora. É possível notar uma total entrega de Medeia à Jasão, motivada pelo intrínseco desejo de se unir a ele de todas as formas possíveis. Ela seria capaz de qualquer coisa para ajudar o homem por quem está apaixonada. Simone de Beauvoir (1967) utiliza alguns trechos do diário de Sofia Tolstói<sup>7</sup> para exemplificar o paradoxo do casamento e a visão feminina sobre tal:

Pelo fato de, em geral, o casamento subordinar a mulher ao marido, é principalmente a ela que se apresenta em toda a sua acuidade o problema das relações conjugais. O paradoxo do casamento está em que é, a um tempo, uma função erótica e uma função social: essa ambivalência reflete-se na figura que o marido assume para a jovem mulher. É um semideus dotado de prestígio viril e destinado a substituir o pai: protetor, provedor, tutor, guia; é à sombra dele que a vida da esposa deve desabrochar; ele é o detentor dos valores, o fiador da verdade, a justificação ética do casal. (BEAUVOIR, p. 217)

Sofia havia casado com um homem muito mais velho aos 18 anos, no contexto de uma Rússia do século XIX, período em que o papel da mulher na sociedade ainda era guiado por fortes normas de gênero, assim como o período em que Medeia foi escrito. Eurípedes não especifica a idade da personagem em sua tragédia, porém, a visão descrita por Beauvoir que recai sobre a figura masculina em um casamento é esclarecedora ao guiar a reflexão sobre o motivo de Medeia agir de forma tão pesarosa frente à perda de seu companheiro: agora longe de sua terra e dos cuidados paternos, era em Jasão que depositava suas necessidades de afeto, proteção e orientação. Apesar de a personagem ser descrita como uma mulher forte e

---

<sup>5</sup> Na mitologia grega, Medeia mata seu irmão para atrasar a perseguição de seu pai à Jasão, por quem estava apaixonada. Rei Eetes, seu pai, ordenou o sacrifício de todos os estrangeiros para evitar que a profecia de sua morte se cumprisse.

<sup>6</sup> Antiga pólis grega.

<sup>7</sup> Cônjuge de Leon Tolstói

transgressora por assumir as rédeas de seu destino frente às adversidades, Medeia ainda sente a necessidade de ser guiada e amparada por seu cônjuge, e a soma dos atos que cometeu com as coisas que abandonou para enfim ter Jasão ao seu lado, lhe causam um enorme sofrimento.

Para o dramaturgo, Medeia não existe sem Jasão. Tal qual uma sombra não existe sem a substância que a projeta. Luiz Ribeiro (2008), em seu artigo sobre o feminino em obras dramatúrgicas (no qual também usa de exemplo a personagem Medeia), aponta, ao falar sobre as motivações da personagem: “Jasão é seu fundamento, razão e necessidade. Através de Jasão Medeia se concretiza. Até ser preterida por outra mulher.” (p.1) Ao perder Jasão, Medeia sofre. Inicialmente, acreditei que seu ímpeto de vingança e ciúmes fosse a roda que gira a trama da peça e leva a personagem a cometer as atrocidades; entretanto, o sofrimento maior que acomete Medeia é a perda de sua honra diante da recusa de seu marido. Estrangeira em uma terra desconhecida e disposta a fazer sacrifícios por amor, Medeia sente-se traída não só romanticamente, mas socialmente também.

Agora desamparada e com enorme fúria dentro de si, sofre pela perda do lugar de prestígio em sua terra natal; pelo ultraje ao ser trocada por outra mulher; e pela possibilidade de Jasão poder escolher uma vida diferente para si, enquanto ela, como mulher, deve aceitar o que lhe é imposto (a partir da visão do autor sobre a personagem). Medeia deseja a liberdade masculina, pois enxerga nisso uma alternativa de fuga de uma vida monótona do que é esperado de uma vivência feminina, devido ao papel social da mulher naquele contexto:

Quando um marido se cansa da vida do lar, ele se afasta para esquecer o tédio de seu coração e busca amigos ou alguém de sua idade; nós, todavia, é numa criatura só que temos de fixar os olhos. Ainda dizem que a casa é nossa vida, livre de perigos, enquanto eles guerreiam. Tola afirmação! Melhor seria estar três vezes em combates, com escudo e tudo, que parir uma só vez! (EURÍPEDES, 2013, p. 212)

Ao longo da tragédia, há vários momentos em que Medeia é acometida por maus pensamentos que a levam a sofrer, e por situações que a fazem se sentir humilhada por sua posição atual. A partir disso, trago falas da personagem em que ela se sente infeliz ou desvalorizada em certas ocasiões. Incluindo os exemplos já citados, temos o total de 19 vezes em que Medeia expressou verbalmente sua insatisfação com a condição atual em que se encontrava, utilizando termos pejorativos contra si mesma para comentar sobre seus infortúnios.

### 3 MEDEIA, A MULHER SOFREDORA

1. Na 3ª cena do prólogo, temos contato com a figura de Medeia. Ela está em seus aposentos (fora do palco), mas seus lamentos são ouvidos em cena: “Pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço demais! Filhos malditos de mãe odiosa, por que não pereceis com vosso pai? Por que não foi exterminada essa família toda?” (Eurípedes, 2013, p. 207).
2. Na 1ª cena do 1º episódio, Medeia decide sair de casa para afastar de si a fama de soberba, pois, de acordo com ela, quem evita as críticas da sociedade se privando de aparições públicas, se prova uma pessoa indigna de perdão. Diante disso, comenta com o Coro, que é composto por mulheres coríntias, sobre a submissão das mulheres aos maridos, e o quão humilhante é a condição pela qual isso se dá:

Das criaturas todas que têm vida e pensam, somos nós, as mulheres, as mais sofredoras. De início, temos de comprar por alto preço o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo – mal ainda mais doloroso que o primeiro. Mas o maior dilema é se ele será mau ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres, deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo). (EURÍPEDES, 2013, p. 212)

3. Na 2ª cena do 1º episódio, Creonte chega para expulsar Medeia de Corinto. Sem esconder suas intenções, admite que faz isso para proteger sua filha e a si mesmo de qualquer malfeito que a personagem talvez planeje. Diante disso, Medeia implora para continuar em Corinto, temerosa com o futuro e sem nenhum lugar para voltar:

Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça! Meus inimigos soltam suas velas todas e não diviso um porto em que possa abrigar-me para escapar à ruína! Mas, sem ponderar em minha desventura, quero perguntar-te: por que razão, Creonte, me banes daqui? (EURÍPEDES, 2013, p. 214)

4. Nessa mesma cena, Medeia suplica para que Creonte não se incomode com sua presença, pois não deseja fazer mal para ele ou sua filha, já que apenas Jasão lhe fez mal: “Casem-se os dois, sejam felizes, mas me deixem viver aqui. Suportarei sem um murmúrio as injustiças. Os mais fortes me venceram.” (Eurípedes, 2013, p. 215). Medeia está fingindo não ter sido afetada pela

situação, e faz isso com o intuito de persuadir o rei a não desconfiar de seus planos de vingança.

5. Creonte está decidido a expulsar Medeia. Como última tentativa, ela se ajoelha e implora pela misericórdia do rei: “Por teus joelhos e por tua filha, a noiva, suplico-te: permite-me ficar aqui!” (Eurípedes, 2013, p. 215).
6. Diante da recusa de Creonte, Medeia fica desesperançosa em relação à vida e pragueja: “Que mal terrível é o amor para os mortais!...” (Eurípedes, 2013, p. 216).
7. E novamente volta a mostrar sua visão pessimista sobre a situação: “Viver é ter desgostos e eles não nos faltam.” (Eurípedes, 2013, p. 216). Expulsa pelo rei, só lhe resta aceitar o destino incerto.
8. Assim, Medeia utiliza sua última estratégia: pede a Creonte apenas um dia a mais, alegando que usará esse tempo para pensar em um futuro lugar para os filhos. Esse último artifício consegue convencer Creonte, que aceita seus termos e não lhe dá um dia a mais do que o combinado:

Um dia só! Deixa-me aqui apenas hoje para que eu pense no lugar de nosso exílio e nos recursos para sustentar meus filhos, já que o pai deles não está cuidando disto. Tem piedade deles! Tu és pai também; é natural que sejas mais benevolente. Não é por mim (não me inquieta o meu destino); é por eles que choro e por seu infortúnio. (EURÍPEDES, 2013, p. 217)

9. No 2º episódio, Jasão se encontra com Medeia e os dois conversam sobre o ocorrido. Jasão alega que tudo o que fez foi visando o bem-estar dos filhos no futuro, já que os novos filhos lhes dariam o apoio necessário para ter uma vida longa e próspera em uma terra que não é deles. Medeia enumera os feitos acumulados em nome de Jasão, escancarando seu arrependimento em ajudá-lo no passado:

“[...] Prossegurei; minhas perguntas tornarão mais evidente tua infâmia. Para onde irão meus passos hoje? Para o lar paterno, que já traí, como traí a minha

pátria, para segui-te? Ou para as filhas do rei Pelias? (Que bela recepção me proporcionariam as infelizes em seu lar, a mim, que um dia causei a morte de seu pai!). Eis a verdade: hoje sou inimiga de minha família e só para agradar-te hostilizei amigos que deveria ser a última a ferir.” (EURÍPEDES, 2013, p. 224)

10. Ao escutar Jasão justificando seus atos com a prosperidade dos filhos, Medeia se dá conta de que são argumentos para retirar o foco da verdadeira questão que permeia os dois: talvez ele apenas não desejasse mais ficar com ela: “Isso não te preocupava; só pensavas que o casamento com Medeia – uma estrangeira – te encaminhava para uma velhice inglória.” (Eurípedes, 2013, p. 227)
11. Jasão reafirma suas boas intenções ao deixar Medeia, mas ela nota o lugar de privilégio de onde ele diz tais consolações: “Insulta-me! Sabes que estás seguro aqui, mas eu devo partir desprotegida e só.” (Eurípedes, 2013, p. 228)
12. Posteriormente, na 1ª cena do 3º episódio, Medeia encontra Egeu<sup>8</sup>, que está em busca de uma forma de continuar sua linhagem, por conta da dificuldade de ter filhos. A protagonista oferece ajuda<sup>9</sup> em troca de abrigo em Atenas. Ao ser questionada sobre a expressão sofrida que carrega, a personagem conta sobre a humilhação que está vivendo: “Jasão me ultraja sem que eu tenha culpa alguma” (Eurípedes, 2013, p. 234).
13. Após explicar o ultraje de Jasão, comenta sobre sua condição imposta pelo rei de Corinto: “Creonte me degrada e bane-me daqui.” (Eurípedes, 2013, p. 235). Agora com a certeza do acolhimento de Egeu, Medeia arquiteta seus planos de vingança com mais segurança.
14. Na 2ª cena do 3º episódio, Medeia expõe todas as suas intenções para o corifeu: mandará presentes envenenados para a princesa através de seus filhos, como um falso gesto de súplica para a permanência deles em seu reino.

---

<sup>8</sup> Rei de Atenas na mitologia grega

<sup>9</sup> Medeia vem de uma linhagem divina, neta do deus Sol Hélio. Nascida com habilidades mágicas, ampliou seus conhecimentos com Circe, outra figura mágica da mitologia grega.

Agora sem nada a perder, é consumida por um senso heroico de proteção à própria honra, nem que para isso tenha de tomar medidas que a afetem também:

“[...] Não permitirei, amigas, que riam de mim os inimigos! Terá de ser assim. De que vale viver? Já não existem pátria pra mim, meu lar, nenhum refúgio nesta minha desventura. Fui insensata quando outrora abandonei o lar paterno, seduzida pela fala desse grego que, se me ajudarem os deuses, me pagará justa reparação em breve. Jamais voltará a ver vivos os filhos que me fez conceber, e nunca terá outros de sua nova esposa que – ah! Miserável! – deverá perecer indescritivelmente graças aos meus venenos!” (EURÍPEDES, 2013, p. 240)

15. No 5º episódio, Medeia recebe a notícia de que seus planos se concretizaram com sucesso: a princesa coríntia recebeu seus presentes envenenados e em breve não estará entre os vivos. O preceptor comunica que foi aceita a estadia dos filhos em Corinto, e Medeia se mostra temerosa e angustiada com o fato, por saber no que resultaria o ocorrido. Ao se ver diante de uma escolha fatal, Medeia sofre:

“[...] Ai de mim! Por que voltais os olhos tão expressivamente para mim, meus filhos? Por que estais sorrindo para mim agora com este derradeiro olhar? Ai! O que farei? Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo a face radiante deles... [...] mas que sentimentos são estes? Vou tornar-me alvo de escárnio, deixando meus inimigos impunes? Não! Tenho de ousar! A covardia abre-me a alma a pensamentos vacilantes. Ide para dentro de casa, filhos meus!” (EURÍPEDES, 2013, p. 252)

16. No 6º episódio, Medeia é avisada da morte da princesa e de Creonte. Após ouvir a descrição de suas mortes, Medeia assume as rédeas de seu destino e finaliza seu plano:

Não volto atrás em minhas decisões, amigas; sem perder tempo matarei minhas crianças e fugirei daqui. Não quero, demorando, oferecer meus filhos aos golpes. Mortíferos de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesma, que os dei à luz, os matarei. Avante, coração! Sê insensível! Vamos! (EURÍPEDES, 2013, p. 259)

Assim se encerra o ciclo de sofrimentos de Medeia. Após matar os filhos, a feiticeira tem uma conversa com Jasão, onde expõe a vitória sobre o ex-marido. Agora sem descendência, ele não haveria de possuir honra e tampouco conseguiria novos herdeiros rapidamente, já que a princesa coríntia também havia sido assassinada. Medeia, impassível, afirma que tamanha era sua amargura diante do desrespeito de

Jasão, que cometer o ato abominável foi a forma que encontrou para martirizá-lo arduamente. Jasão implora para ao menos despedir-se de seus filhos, só para ouvir a recusa de Medeia. Assim, ela sai de cena em um carro alado suspenso por uma grua,<sup>10</sup> ao lado dos cadáveres dos filhos.

Após catalogar os momentos de sofrimento explicitados pelas falas da personagem, é possível notar uma constante no comportamento de Medeia: ela está continuamente instável. Suas falas e ações remetem a alguém prestes a explodir e tomar decisões impensadas. Sua instabilidade reverbera no comportamento da Ama e do Preceptor, que se mostram temerosos quanto ao futuro de seus filhos e dela mesma, fortalecendo a aura que se cria em torno de Medeia: a de uma mulher histérica e descontrolada, como o autor construiu.

#### **4 TRISTE, LOUCA OU MÁ**

“Triste, Louca ou Má”, título que nomeia este capítulo, é uma música do grupo Francisco El Hombre (2016), que faz alusão ao reencontro da mulher contemporânea consigo mesma, renegando os paradigmas masculinos. A letra traz o possível destino de mulheres que não seguem à risca os comportamentos tidos como ideais, sendo assim, mulheres-pesadelo: “Triste, louca ou má. Será qualificada, ela quem recusar. Seguir receita tal, a receita cultural. Do marido, da família; cuida, cuida da rotina” (Hombre. Triste, louca ou má, 2016). A canção é análoga à história de Medeia, que é tida pelo Coro como louca, triste e má, durante toda a dramaturgia. A personagem age de uma forma que alimenta esse pensamento em diversas situações: 1) ela não segue a resignação que esperam frente à traição do marido; 2) ela mata os próprios filhos para ferir Jasão; 3) ela manipula Creonte para deixá-la ficar em Corinto, com segundas intenções.

“Bruxa” é um termo usado frequentemente para se referir à Medeia. A personagem, de fato, é uma feiticeira. Contudo, tal nomenclatura nos leva a associá-la a um caráter duvidoso. Seus atos inescrupulosos, a criação do veneno que tiraria a vida de seus inimigos, seu sangue frio ao traçar um plano de vingança envolvendo o assassinato de seus próprios filhos; todos esses elementos corroboram para a fama

---

<sup>10</sup> Equipamento de elevação de cargas; neste contexto, Deus ex machina, utilizado para soluções mirabolantes no final de ficções gregas.

de **má** da personagem, contudo, ela carrega consigo motivações que vão além do que se vê superficialmente. Apesar de se mostrar ardilosa e indiferente aos ocorridos, Medeia sente. E sente especialmente a perda de suas crianças; entretanto, a necessidade de retomar sua honra se mostra mais importante.

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, “honra” se enquadra como “sentimento do dever, da dignidade e da justiça”.<sup>11</sup> O aspecto da honra se revela digno de consideração pela ambivalência presente no comportamento dos dois ex-companheiros, Medeia e Jasão. Mário da Gama Cury, tradutor e autor das notas presentes na edição do livro de Medeia utilizado para a presente pesquisa; aponta o contraste estabelecido entre a atitude torpe de Jasão, e a virilidade de Medeia. Para Cury (2013), Medeia, como mulher, demonstra um senso de honra muito mais aflorado do que Jasão, condição que subverte o esperado dos papéis de gênero da época em que a dramaturgia foi criada.

Eurípedes, ao traçar um caminho diferente para a personalidade de Medeia, acaba caindo em uma representação causal: a heroína demonstra essas qualidades como coragem, subversão e empoderamento por conta do que Jasão a fez sofrer, afastando-a de uma autonomia de crescimento pessoal. Ela sente a necessidade de ser honrada, porque Jasão não foi com ela. Ela precisa se impor porque está em sofrimento, portanto, considerada **triste**.

Aline Layane da Silva (2021), em sua dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem, cunha o termo “mulher-pesadelo”, que designa o comportamento de mulheres que assim como Medeia, agem no extremo oposto da conduta esperada dentro de um sistema patriarcal, com atitudes por vezes, improváveis: “Ela é tida como tudo o que uma mulher bem quista e idealizada não poderia ser: violenta, lasciva, bestial. Ela é um pesadelo, [...] e não pode ser controlado” (Silva, p.16).

A mulher-pesadelo traz esse aspecto de imprevisibilidade, causando temor por não se deixar “domesticar”. Como ela constitui o extremo oposto da mulher “idealizada”, Valéria Pires (2008), em sua obra “Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade”, esclarece de onde vem essa expectativa que recai sobre a figura feminina, e que espera certa passividade:

Na tradição judaico-cristã sempre houve uma clara divisão do que era atribuído ao homem e à mulher. Essa visão vem sendo reforçada há mais de

---

<sup>11</sup> Outros significados atribuem à palavra a capacidade de cumprir o que fala, assumir responsabilidades e honrar compromissos. No caso citado, Jasão falta com honra à Medeia pela incapacidade de assumir as consequências pela traição matrimonial.

dois mil anos e relaciona o princípio feminino com a natureza, a passividade, a receptividade, a geração da vida, a materialidade, a escuridão, a emotividade. Já o princípio masculino está ligado à atividade, à razão, e à luz. (PIRES, p.9)

Esse arquétipo da mulher-pesadelo evoca a impressão de emancipação da figura feminina dos moldes sociais estabelecidos até então. Todavia, como a própria nomenclatura incita, essa mulher seria um pesadelo, algo horrendo e marginalizado. Para Silva (2021), seria o pesadelo do patriarcado: uma mulher que não pode ser colocada sobre as amarras sociais do homem. Medeia é essa mulher, incitando temor aos personagens da narrativa e sendo lida como vilã por aqueles ao redor, em grande parte pelo seu visível descontrole emocional.

Medeia esbanja uma emotividade além dos limites, algo extremo. Jasão, por outro lado, se mostra calmo e despreocupado com o destino da ex-esposa. A dicotomia aqui presente atribui emoção ao feminino e a razão ao masculino, fortalecendo o arquétipo de “descontrolada” da protagonista, colocando-a como **louca**. Medeia, no 2º episódio da peça, confronta-o acerca do futuro dos filhos, e ele afirma que suas ações foram pensadas para favorecê-los no porvir, indicando sua indiferença com os sentimentos da heroína. Vale ressaltar que no contexto social daquela época, ter descendência abundante era sinônimo de honra para os homens, por isso a vingança escolhida por Medeia tem tanto peso. Matando seus filhos, tiraria a honra de Jasão. Bourdieu (2024) explica a razão para a existência da relação entre a virilidade enquanto poder masculino e a possibilidade de ser prolífico:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (BOURDIEU, p. 27)

Outro momento que reforça a importância da progenitura masculina acontece na primeira cena do 3º episódio, onde o encontro entre Medeia e Egeu acaba por tecer um acordo que favoreceria ambos: a feiticeira usaria de seus dons para ajudar na progenitura de Egeu, que se encontra desgostoso frente à incapacidade de dar continuidade à sua linhagem; e este, por sua vez, lhe daria abrigo em Atenas, após sua vingança. Um paralelo interessante é observado neste ponto: Medeia ajuda a perpetuação da descendência de um homem que promete ajudá-la, e mais tarde

decide por acabar com a descendência de outro homem, por este lhe causar enorme sofrimento.

Outro arquétipo que pode ser identificado é o de Lilith. Figura mitológica presente em diversas culturas, e frequentemente tendo a aparência formada por elementos demoníacos, Lilith aparece como a antítese da figura de Eva, esposa de Adão. Lilith é descrita por Valéria Pires (2008) como uma força feminina escura, que rejeita o controle masculino, e por isso, acaba sendo considerada uma ameaça à ordem natural do mundo:

Com Lilith surge o lado demoníaco, um princípio que não deseja ser subjugado ao controle patriarcal. Por esse motivo foi excluído e refutado do feminino, tornando-se sombrio e negativo. A redenção e o resgate dessa força expressa em Lilith ocorrerão quando ela for reconhecida com o devido cuidado e atenção, sendo ouvida e atendida sempre que houver espaço para questionar e expressar. (PIRES, p. 128)

Contraopondo a figura de Lilith, temos o arquétipo de Eva. Ele é associado à submissão, ao castigo e ao pecado. Eva, diferente de Lilith, carrega a culpa pelo castigo divino e é o retrato de valores machistas existentes no judaísmo. Pires (2008) acrescenta o jogo de poder existente entre Adão e Lilith: como ele não aceita estar em pé de igualdade com a companheira, a rejeita. Desta maneira, uma mulher omissa e obediente seria a esposa perfeita para o primeiro homem criado, e esta seria Eva: receptáculo da culpa, porém, exemplo de ideal feminino. Lilith se tornaria estigmatizada e rejeitada por conter traços destoantes de Eva, e demonstrar um senso de posse de si mesma.

O arquétipo de Lilith aparece no comportamento de Medeia. Uma mulher que rejeita a mancha em sua honra e não aceita o jugo masculino sobre seu comportamento é o retrato perfeito da força feminina sombria, citada por Pires (2008). Todavia, Medeia não exerce esse lugar de imponência durante toda a primeira metade da dramaturgia, dando lugar a um pessimismo e autocomiseração estridentes.

Em “Medeia”, observamos a aplicação de um arquétipo em função da narrativa: o arquétipo da mulher sofredora. Medeia, personagem descrita por Eurípedes como desditosa, maquiavélica e odiosa (palavras que a própria personagem designa para si), apresenta comportamentos inicialmente autopiedosos; sua situação de estrangeira, fama de feiticeira e traição sofrida colaboram para seu comportamento melancólico. Entretanto, a partir da 3ª cena do 1º episódio, logo após levar um ultimato de Creonte, a heroína tem uma curva de comportamento, assumindo uma postura

altiva frente às adversidades, e assumindo de vez o papel estigmatizado de Lilith: o de mulher bestial, à margem da expectativa masculina.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, foram apresentadas algumas das minhas motivações pessoais que levaram à escolha do tema. Logo após, entendemos um pouco sobre a definição de arquétipos, de Carl Jung. Vimos como se dá a influência masculina sobre o comportamento feminino, e como o desvencilhamento de antigos preceitos é importante para caminharmos para um mundo onde exista autonomia feminina.

No primeiro capítulo, compreendemos algumas questões importantes sobre a construção da individualidade com Simone de Beauvoir, e sobre como a figura da mulher é construída socialmente como um outro sujeito; não um indivíduo completo, mas uma parte do verdadeiro indivíduo, o homem. Assim, adentramos a escrita de Eurípedes no segundo capítulo, que constrói Medeia a partir de um arquétipo de mulher sofredora: ela sofre pelos atos de Jasão, pela perda da própria honra, pela expulsão de Creonte e pela cruel decisão de matar os filhos.

No terceiro capítulo, esmiuçamos o véu patriarcal que se deita sobre a figura da mulher contemporânea, identificando os adjetivos *triste*, *louca* e *má* em Medeia, de acordo com as situações vividas por ela. A partir da visão/escrita masculina de Eurípedes, vemos alguns arquétipos míticos femininos que dialogam com a escolha de construção de personagem feita pelo autor grego. Somos apresentados ao arquétipo da mulher-pesadelo, juntamente com o de Lilith e Eva.

Por fim, concluímos que a existência dos mitos influencia os arquétipos, que por sua vez, influenciam a construção dramática de personagens femininas ao longo dos anos. Medeia é um exemplo disso, tanto que podemos observar alguns conceitos arquetípicos perpassando sua escrita. A construção de Medeia está intrinsecamente ligada ao sofrimento da personagem enquanto mulher, levando em consideração o contexto histórico e social vivido pelo gênero feminino naquele momento. A heroína sofre ao ser preterida por outra mulher, mas seu maior mal é a condição limitada relacionada ao seu gênero.

Enquanto Jasão possui a possibilidade de reconstruir sua família e assegurar uma nova linhagem em Corinto, o mesmo não se aplica à Medeia, que se encontra presa à normas sociais experienciadas pelo feminino naquele contexto. Medeia sofre

por ter sua honra manchada e se vê impotente diante disso, quando o contrário não aconteceria naquela sociedade. Ela deseja a independência masculina, e no final, quando opta pelo ato extremo contra seus filhos e apaga a linhagem de Jasão, ela de fato, experimenta isso; porém, é lida de forma vilanesca por sua ação, por abraçar as possibilidades masculinas.

Os arquétipos utilizados por Eurípedes fazem sentido para a personagem, mas estigmatizam o gênero feminino ao retratar Medeia como alguém necessitado de razão ao perder Jasão, colocando a perda do homem como principal motivo para as atitudes impensadas da personagem. Além disso, a própria Medeia tece comentários negativos sobre seu gênero, resultado provável do contexto social, mas principalmente da escrita de Eurípedes sobre uma narrativa feminina.

Uma alternativa para a planificação que ocorre em personagens femininas é o fortalecimento do posicionamento político, social e racial de mulheres autoras, a fim de tecer experiências diversas na arte que não planifiquem a figura feminina, e tampouco sejam outorgadas pela visão masculina, como é o caso de Medeia, que foi escrita por Eurípedes. A narrativa de uma mulher que **mata** é algo visto e construído a partir de valores puramente masculinos, que não contemplam motivações adensadas que viriam emergir em outros contextos que visam emancipar a mulher e lhe adicionar novas camadas.

Uma noção de individualidade é necessária para o processo de consciência de gênero; tendo como exemplo a própria Medeia, nós precisamos de narrativas que não estigmatizem a mulher e que buscam evitar a criação da causalidade e dependência entre personagens femininas e masculinas, assim caminharão para uma criação autêntica e independente, desvinculando a noção do feminino como o “o outro sujeito”. Desta forma, a valorização do feminino como parte natural de qualquer sistema social acontecerá naturalmente; não associando-o a um maniqueísmo simplista de anjo/demônio, mas sim naturalizando um leque de emoções que podem compor um personagem.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Viva**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves. 23ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

EURÍPEDES et al. **O melhor do teatro grego**: Tradução de Mário da Gama Kury; apresentação geral, material de apoio e revisão das notas de Adriane da Silva Duarte. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HOMBRE, **Francisco el. Triste, Louca ou Má**. Cuba: Estúdio Navegantes, 2016.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana Silva. Edição digital. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e Deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na sociedade**. São Paulo: Summus, 2008.

RIBEIRO, Luiz Gustavo Marques. **Desmistificando medéias: um olhar crítico sobre a representação feminina em obras dramáticas**. Fazendo gênero. 8ª edição, p. 7, Florianópolis, 2008.

SILVA, Aline Layane Souto da. **Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal**. 2021. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.